

# RESENHA

ARFUCH, Leonor. 2010. *O espaço biográfico*: dilemas da subjetividade contemporânea. Tradução de Paloma Vidal. Rio de Janeiro: EdUERJ.

“Relato, identidade, razão dialógica”: são com estas palavras que Ernesto Laclau inicia o prefácio do livro. Como síntese precisa, Laclau toca e é tocado pela questão central proposta por Leonor Arfuch: a interação profunda e necessária que envolve toda biografia (e autobiografia) que é, mais que um relato objetivo, uma construção discursiva, mais que uma identidade essencialista, uma “identidade narrativa” (Paul Ricoeur), e mais que um olhar afastado do outro ou do eu, é o encontro de muitas vozes, dialogicamente construído (Mikhail Bakhtin).

Mas por que, afinal, contamos vidas, biográfica ou autobiograficamente? Em epígrafe que abre o capítulo três – “A vida como narração” – Leonor Arfuch cita Paul Ricoeur: “Contamos histórias porque afinal de contas as vidas humanas precisam e merecem ser contadas”. Para a autora, que nos dois primeiros capítulos reconstrói o “mapa do território” (do espaço biográfico) e os “contornos da interioridade” (entre o público e o privado) da produção da subjetividade contemporânea, a intensificação da produção do espaço biográfico atual (ou pós-moderno – com a crise dos grandes relatos), “do próprio, do local”, é “um dos aspectos paradoxais da duplicidade constitutiva da globalização”. Como que subsumidos pela lógica globalizante, homogênea e universal, o espaço biográfico parece restituir aos biografados a aura de singularidade e de “transcendência” que o “mundo, vasto mundo” tende ao silêncio e, no extremo, ao esquecimento. Nesse sentido, percorre o caminho da produção dos gêneros clássicos de produção biográfica/autobiográfica até as atuais entrevistas na mídia e nas ciências sociais (envolvendo tanto “celebridades” como “pessoas comuns”).

A produção do espaço biográfico é compreendida, sobretudo, como parte da formação do mundo moderno-contemporâneo e de sua subjetividade correspondente. Biografias, autobiografias, confissões, memórias, diários íntimos, correspondências (desde o século XVIII) e,

mais recentemente, os *talk shows* e *reality shows*, têm desempenhado, “com a consolidação do capitalismo e da ordem burguesa”, papel importante na afirmação de nossa subjetividade, ela mesma parte de uma hegemonia. Constituindo-se a partir de intensa diversidade narrativa, o espaço biográfico também transita – às vezes sem limites definidos – entre a condição pública e privada do biografado (para esta questão o diálogo promovido pela autora é, em especial, com Hannah Arendt, Jürgen Habermas e Norbert Elias), como “cronotopo” e construção “interdiscursiva” (Bakhtin). “Assim – como deslinda a autora – talvez a escala do íntimo/privado, que coloca em jogo uma audiência global, possa ser lida também como *resposta* aos desencantos da política, ao desamparo da cena pública, aos fracassos do ideal de igualdade, à monotonia das vidas ‘reais’ em oferta”.

Delineado e transcorrido o percurso histórico do espaço biográfico, Leonor Arfuch parece insistir que “A vida não é a que a gente viveu, e sim a que a gente recorda, e como recorda para contá-la” (alusão nossa à abertura de “Viver para contar”, de Gabriel García Márquez). A questão central aqui é a da narrativa: ancorada sobre uma base temporal (mas que também é, inevitavelmente, espacial), “*o tempo mesmo se torna humano na medida em que é articulado sobre um modo narrativo*”, em “mútua implicação” com a experiência. Da inseparabilidade entre “história” e “ficção”, a narrativa biográfica se constitui como um “terceiro tempo” configurado pelo relato (ou uma terceira margem, um entre-lugar), no qual a trama narrativa se faz como “identidade narrativa”: não a *mimesis* como simples imitação, mas como *poiésis*, deslocando o “mesmo” (*idem*) para um “si mesmo” (*ipse*), como vidas *se fazendo*. É, em outras palavras, a narrativa que *faz* a vida. Como construção dialógica, toda narrativa é pluralidade de vozes (“a polifonia bakhtiniana”) que, de “As confissões” de Rousseau aos contatos cotidianos “mais triviais” como os *e-mails* de hoje, se faz como “identidade narrativa” na qual participam tanto biografado e biógrafo como também leitores (na literatura e na mídia impressa) e espectadores (nos *talk shows* e *reality shows*). É também por isso que toda biografia é sempre aberta, inconclusa.

Nos quatro capítulos finais, Leonor Arfuch se dedica à análise da entrevista midiática como “devires biográficos”, à análise de “vidas de escritores”, do “espaço biográfico nas ciências sociais” e de “travessias da identidade” a partir da (e/i)migração de argentinos para a Itália. Sobre a entrevista, a autora afirma que está “indissolivelmente ligada à consolidação do capitalismo, da lógica do mercado e da legitimação do

espaço público”, como a “peça-chave da visibilidade democrática assim como da *uniformidade*, essa tendência constante à modelização das condutas, um dos fundamentos da ordem social”. “Celebidades” e “pessoas comuns” participariam de uma pedagogia “autonômica”, que levaria “a consumir até o excesso vidas alheias no *fast-food* da instantaneidade midiática”. “Vidas” que se fazem “a várias vozes” em “cronotopo”, isto é, a vida como trajetória, cumprimento e realização, como jogo performativo. Ao trazer passagens de entrevistas (como com Simone de Beauvoir e Jorge Luis Borges), Leonor Arfuch também evidencia o *outro* (a “outridade” bakhtiniana) da interlocução, o entrevistador, participante da “trama discursiva” e da “produção da identidade”, na medida em que o espaço biográfico é sempre plural e atravessado por avatares intervenientes com experiências e memórias múltiplas. Assim, não há nada “dado” em uma vida, e nela várias histórias e vários sentidos são possíveis, “armados” em tramas e identidades narrativas.

Em “Vidas de escritores”, a autora aprofunda a relação entre a “necessidade” de construção coerente de uma vida com seus “biografemas”, como condição de encadeamento lógico de “vidas e obras” dadas em situação de entrevista. Na produção de um *modus operandi* escritores são perscrutados sobre a relação “Vidas e obras”, “A cena da escrita”, “A cena da leitura” e “Dos mistérios da criação”. Nesse “modo de operação”, a entrevista, “imitando” a construção de biografias, obstina-se a um “inventário referencial, topográfico, cronológico e sua ilusão de intimidade” como “prova da extensão do espaço biográfico contemporâneo, enquanto ancoragem obsessiva – e tranquilizadora? – numa hipotética unidade do sujeito”. A entrevista se “monta”, assim, como um *fazer* biográfico no qual, tão importante como as respostas, são as perguntas, que, “dialelizadas” (perguntas e respostas), constituem sempre um “falar inconcluso por natureza”.

Em “O espaço biográfico das ciências sociais”, Leonor Arfuch reitera a importância da “forma (relação) dialógica” na construção da biografia. Ao mesmo tempo próxima e distante da entrevista midiática, a entrevista em pesquisas nas ciências sociais se faz como “autoria conjunta, indissociável da cena de interação, da subjetividade colocada em jogo (...), da confrontação discursiva dos esquemas valorativos”, ao lado do “imaginário da voz, da presença, da proximidade, a ideia de uma ‘verdade’”. Mas, diferente da entrevista midiática – que tende à busca de uma “coerência” biográfica –, deve ser evidente para os cientistas sociais

que, nos relatos orais, “não há harmonia a ser recuperada, que a contradição e o antagonismo são os modos de ser do social, que a outridade mudou de signo, que a partilha de vozes e a proliferação de histórias de vida não conseguiram atenuar a iniquidade dos sistemas com aqueles que as protagonizam”. Nesse sentido, não há “resgate” possível, porque toda construção biográfica é a “fragmentação” do sujeito em “pedaços” articulados sobre “uma” identidade em construção, produção e invenção. Toda biografia é sempre “ilusão biográfica” (a aproximação a Pierre Bourdieu é evidente) e é ingênua a tentativa de produção de coerências e de sentidos rígidos sobre uma biografia; o que temos é sempre o embate entre experiências e entre identidades, articuladas pela comunicação e linguagem – elas mesmas produzidas em “heteroglosia” e “polifonia” – em “escuta plural”, na interlocução “num universo de vozes confrontadas, para a inteligibilidade do *social*”.

O capítulo final (“Travessias da identidade: uma leitura de relatos de vida”) é um “diálogo” entre Argentina e Itália através de argentinos que migraram e de familiares que ficaram (no contexto da crise argentina dos anos 1980). Leonor Arfuch inicia o capítulo com a tríade barthesiana: “Escutar, ler, colocar o corpo”. Resultado de pesquisa realizada pela autora entre 1991 e 1993, a análise *escuta, lê e coloca o corpo* diante e junto das vozes de “uma” identidade ítalo-argentina fraturada, para a qual o par dêitico “aqui” e “lá” se mistura aos pares “ontem” e “hoje”, “eu” e “ele”, “ele” e “ela”, configurando “a (ou o sentido da) narração”. Narrativas que partilham “cartografias imaginadas” e “culturas atravessadas pela outridade”, o que permite pensar o (e/i)migrante também como um “entre-lugar”, um “terceiro espaço”, nem mais “aqui” e nem totalmente “lá”: mas nunca uma síntese fechada, e sim uma inconclusividade sempre suspensa e imprevisível. Na (e/i)migração todo “aqui” parece cambiante, escorregadio, dolorosamente móvel, temporal e espacialmente: “o ‘aqui’ se transforma em sinônimo de impossibilidade, de frustração, de caos, de tudo aquilo negado ou negativo que com signo inverso de procura – se oferece – compensatoriamente ‘lá’”. Toda “reconstituição” de passados e de lugares (a “espaciotemporalidade dos ditos”) se mostra inviável e, no extremo, impossível, como problemática e emblemática “deriva identitária”. Nesta deriva, a Argentina e a Itália (ou a americanidade e a italianidade) se dobram sobre si mesmas: o “eterno retorno” de argentinos descendentes de italianos se faz, na Itália “real”, como viagem de “tensão insolúvel da cultura e da identidade”, pois “se volta sempre diferente”, em um “vazio de corpos” que se querem “cheios” – mas a migração talvez tenha sido um golpe duro demais.

É esta a aposta de Leonor Arfuch: o compartilhamento de uma análise sobre “construções do eu e do outro” (a biografia; a autobiografia) como reflexão de nossa própria subjetividade contemporânea, articulando os gêneros clássicos às entrevistas nas mídias e nas ciências sociais (suas continuidades e descontinuidades). Por que, afinal, “narramos a vida”? Se a centralidade parece se dar sobre a necessidade de nos “resguardarmos” do tempo (desejo de imortalidade), cabe aqui dizer que “o espaço biográfico” também cede lugar às nossas relações socioespaciais, tão caras à Geografia. A autora, doutora em Letras, que atua como professora na Universidade de Buenos Aires na Faculdade de Ciências Sociais e também na de Arquitetura, Desenho e Urbanismo, deixa claro que “o espaço biográfico” é ele mesmo aberto – e dizemos aqui – em suas temporalidades e espacialidades. Construí-lo requer “tomar chão” de seus pressupostos, e o livro de Leonor Arfuch é um importante abridor das possibilidades para o seu fazer.

*Jones Dari Goettert*